

**Dan Brown** afirma em entrevista à Revista *Conhecer Fantástico*, Ano 2, N° 35 que: "O Código Da Vinci é um romance e, portanto, uma obra de ficção", p. 9. Qual será o limite moral de um romance? A seguir proporemos uma análise.

por Paulo Faitanin - UFF



Dan Brown

**1. Quem é Dan Brown?** Dan Brown, Nascido em 1964 e criado na Nova Inglaterra, era professor de inglês até 1996, até lançar o livro *Fortaleza Digital*. Filho de um professor de matemática e de uma musicista, Brown cresceu num ambiente onde *ciência e religião não se compaginavam*. Daí, sem dúvida, tira as suas inspirações, para o não raro e confuso tratamento que dá aos temas que envolvem a fé e a razão. É casado com a pintora Blythe, quem o ajudou na coleção de informações para a feitura do livro *O Código Da Vinci*.

**2. Com a palavra o escritor:** Em entrevista à Revista *Conhecer Fantástico*, Dan Brown falou que desejava que reacendesse nos leitores o interesse por tópicos de fé e que buscassem suas próprias explorações. Sustenta que é necessário colocar lenha na fogueira para tirar a apatia da religião: "Quanto mais vigor usarmos para debater esses tópicos, melhor será nossa compreensão da nossa própria espiritualidade. Controvérsia e diálogo são saudáveis para a religião... a religião tem apenas um inimigo - a apatia - e o debate apaixonado é um antídoto perfeito". Sobre a sua obra diz: *O Código Da Vinci* é um romance, uma obra de ficção... as personagens do livro são irreais... as obras artísticas, arquitetônicas, documentos e rituais secretos existem... Esses elementos verdadeiros são interpretados e debatidos por personagens fictícios... cada leitor deve explorar os pontos de vista dos personagens e chegar às suas próprias interpretações. Sobre a Opus Dei diz: "Trabalhei muito para conseguir uma descrição justa e equilibrada do Opus Dei... O seu retrato no romance é baseado em vários livros escritos sobre a organização, bem como em minhas próprias entrevistas com membros e ex-membros do Opus Dei". Sobre a sua fé sentencia: "Sou cristão. Mas veja bem, se você perguntar a três pessoas o que significa ser cristão, você receberá três respostas diferentes... Considero-me um estudante de muitas religiões". Sobre o êxito do livro afirma: "Estou aturdido. Trabalhei duro nesse romance... Escrevi o livro

essencialmente como um grupo de personagens fictícios explorando idéias que considero intrigantes”.

**3. Analisando:** Por estas poucas linhas notamos como o autor é contraditório e pouco comprometido com a verdade e a responsabilidade moral, valores que transcendem toda e qualquer produção artística humana, porque são próprios do homem. Como método vale-se do famoso e sutil *descomprometimento moral* para poder falar do que quer, quando quiser, do modo que bem entender. Eis a denominada livre expressão artística, a qual não raro para justificarem o que quiserem atropelam o arbítrio e a liberdade. Contudo, a grande questão é: *qual é o limite moral?* Pode-se dizer numa Novela o que se queira, mesmo que calúnias, sob a tutela de que se trata de um romance? Simplesmente não há nenhum limite moral, senão o total e descarado abandono do 'limite' moral, que deve permear toda obra que se refira a fatos e pessoas físicas ou jurídicas reais.

**4. Abandono do limite moral:** Há nesta obra o abandono de toda e qualquer responsabilidade pelo que se diz e se faz, pois a culpa se houver, é das personagens. Embora uma maldade pequena seja tão maldade quanto uma grande, há graus de maldade, porque há graus de moralidade. Estes graus se estabelecem segundo o mais e o menos. E segundo este mais e menos há um limite, que não é imaginário, senão real. Para que alguém atue bem é necessário que a *intenção seja boa, os meios lícitos e o fim de acordo com a intenção e os meios*, pois o fim coroa a obra - *finis coronat opus* - já que o resultado é a prova dos atos [Ovídio, *Heroides*, 2, 85]. As boas ações se contornam nesta tríade: há abandono do limite moral se desrespeita qualquer elemento desta tríade. Alguém pode ultrapassá-lo fazendo ou falando abertamente que o faz. Há outros que o ultrapassam, mas dizem que não o fazem e o escondem na pretensa desculpa de tratar-se de elaborar uma produção artística, como no exemplo, de uma obra literária.

**5. Qual é o preço do abandono do limite moral?** Em *O Código Da Vinci*, Dan Brown trabalha nesta perspectiva: ataca o cristianismo e suas instituições sérias, enquanto se diz cristão, para com isso abrandar a suspeita [fascismo]; vale-se de personagens fictícias para profanar a verdade, vendendo-as como mentiras ou imaginações, na medida em que produz mal juízos sobre pessoas e instituições [cinismo]. Basicamente são estes dois eixos entorno dos quais se expressa a obra e gira a produção de Dan Brown. Mas em que Dan Brown ultrapassou o limite moral? Na *profanação da verdade*. O que é tal profanação?

**6. Conclusão:** Já, em outro lugar, havíamos dito que imaginar não é mentir, mas se pode mentir imaginando. Sabemos que a mentira é dizer o que é falso como verdade, com a intenção de enganar. Contudo, há mentiras que não só contrariam a verdade, mas causam maus juízos de pessoas: *eis a calúnia*. Assim é a calúnia, ou seja, uma mentira por dizer falsidade. Mas há uma espécie de calúnia que é uma mentira 'destilada', 'inteligente', 'sedutora' e 'com ar de verdade'. Esta é a calúnia que diz verdades, mas desfigurando-as, mal interpretando-as e inclusive transformando-as. Esta é a pior espécie do gênero 'mentira'. E é desta espécie que se vale Dan Brown em seu livro *O Código Da Vinci* para transformar mentiras imaginadas, em verdades absolutas e verdades, em mentiras descaradas. Nisso está o abandono do limite moral com a profanação da verdade. Prevalece aqui a tese de que basta afirmar ao ignorante um punhado de mentiras ou meias-verdades para que este as tome por verdade, e a segurança de quem assim procede está em não se sentir ameaçado pela torpeza e preguiça do ignorante em não ir buscar a verdade. Portanto, para o sábio não bastam mentiras ou meias-verdades, ou mesmo a verdade que o faça desistir de ir um pouco mais além de onde chegou. Isso não deve ser privilégio de poucos, mas a verdadeira vocação de todos, como diz Aristóteles em sua *Metafísica*: “todos os homens tem o desejo natural de saber” [*Metafísica*, I, 1, 998a]. Pois que nenhum romance ou mentira desvirtue o homem de sua verdadeira vocação: *vocação para a verdade*.